

## DESTAQUE

## AVALIAÇÃO DA OCDE

# Cerca de 20% dos alunos com 15 anos não adquirem competências mínimas

Esta é “uma realidade [mostrada pelo PISA] que nos deve preocupar a todos como sociedade”, alerta a directora do Plano Nacional de Leitura. Resultados da avaliação da OCDE voltam a ser pretexto para troca de acusações entre o actual titular da pasta da Educação e o seu antecessor no cargo

Clara Viana e Samuel Silva

**A**o fim de dez anos de escolaridade, cerca de um quinto dos alunos portugueses continua a não ter competências mínimas para resolver situações do dia-a-dia. É o que mostram os resultados do PISA (*Programme for International Student Assessment*) divulgados ontem.

Esta avaliação internacional conduzida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) tem como objectivo aferir as competências dos alunos com 15 anos. A maioria dos estudantes avaliados na última edição do PISA, realizada em 2018, estava no 10.º ano de escolaridade.

Nas três áreas testadas – ciências, leitura e matemática –, entre 19,6% e 23,3% (conforme as áreas) destes jovens não ultrapassaram o nível 1 de proficiência dos seis que existem na avaliação do PISA. Os alunos enquadrados neste nível não conseguem ir além dos desempenhos mais elementares. “Não ter proficiência ao fim de dez anos na escola é algo que não pode ser. Ponto final”, comenta a directa do Plano de Leitura (PNL), Teresa Calçada, frisando que esta é “uma realidade que nos deve preocu-

par a todos como sociedade”. Este desastre não é exclusivo de Portugal. Os dados do PISA mostram que na média da OCDE a proporção de jovens sem competências mínimas é até superior.

Com os testes PISA, a OCDE não pretende avaliar qual o domínio que os alunos têm dos currículos, mas sim se estão preparados para enfrentarem os desafios da vida quotidiana. Abaixo do nível 2 considera-se que os jovens não têm as competências básicas para uma cidadania activa.

A arrumação por níveis de proficiência é feita segundo as pontuações obtidas nos testes, numa escala que vai de 0 a 1000. Definiu-se que nesta escala o valor médio é de 500 pontos, mas a média real da OCDE desceu já abaixo deste valor, não só pela entrada nesta avaliação de mais países como pela descida de alguns dos que costumavam puxar os resultados para cima, como é o caso da Finlândia.

Nas três áreas sob avaliação, a pontuação média dos alunos portugueses foi a mesma: 492 pontos. Este valor colocou-os à frente da média da OCDE, que oscilou entre 487 e 489. Comparando com os resultados obtidos na edição de 2015, os resultados de Portugal estabilizaram-se a matemática (492 pontos), registaram uma “leve diminuição” a leitura (de 498

para 492 pontos) e uma descida a ciências (de 501 para 492), que foi a única oscilação considerada “estatisticamente significativa” pela OCDE.

À semelhança do que sucedeu com o PISA de 2015, quando os portugueses ultrapassaram a média da OCDE pela primeira vez, a divulgação dos resultados da nova edição desta avaliação foi pretexto para troca de responsabilidades entre o actual titular da pasta, Tiago Brandão Rodrigues, e o seu antecessor, Nuno Crato.

O tiro de partida foi dado por Tiago Brandão Rodrigues, logo na manhã de ontem. Sem nunca mencionar o nome do seu antecessor, o ministro não hesitou em atribuir a descida a ciências “às apostas feitas durante a crise económica, nomeadamente o afunilamento curricular que levou a um foco exacerbado nalgumas disciplinas, deixando as ciências fora”.

Em respostas por escrito ao PÚBLICO, Nuno Crato frisa que o caminho que levou a que, em 2015, Portugal tenha obtido os seus melhores resultados de sempre foi traçado “desde 2003, e mesmo antes, com Marçal Grilo [ministro socialista]”, através de uma aposta em “maior exigência, currículos mais bem definidos e ambiciosos, maior rigor na avaliação e maior valorização do conhecimento”. “A partir de 2016, começou a esboçar-

se um movimento contrário”, aponta, afirmando que “a menor valorização do conhecimento prejudicará o país”, afastando-o “da trajectória de sucesso anterior”.

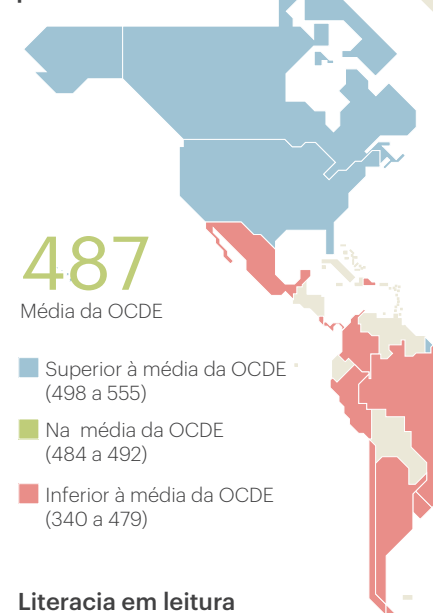
Os alunos que fizeram os testes PISA em 2018 concluíram o 2.º e 3.º ciclos tendo na base os programas e metas curriculares aprovados por Crato. Segundo o ex-ministro, o PISA dá uma “pista para a interpretação de resultados” que valoriza o papel das avaliações. Os alunos que fizeram os testes “tinham acabado de ter exames de Matemática e Português no 9.º ano”. “Mas ciências não teve nenhuma avaliação externa. Será que isto teve algum efeito nos resultados?”

## Professores divididos

“Se há uma coisa que se pode dizer face a estes resultados, é que a reforma de 2013 [lançada por Nuno Crato] não teve interferência alguma”, defende a presidente da Associação de Professores de Matemática, Lurdes Figueiral. A associação foi uma das que alertaram para os problemas que o novo programa da disciplina poderia criar nos resultados dos alunos nos testes internacionais. Esse efeito não se verificou nos resultados da matemática porque os problemas criados pelo programa foram “rapidamente atenuados pela prática dos

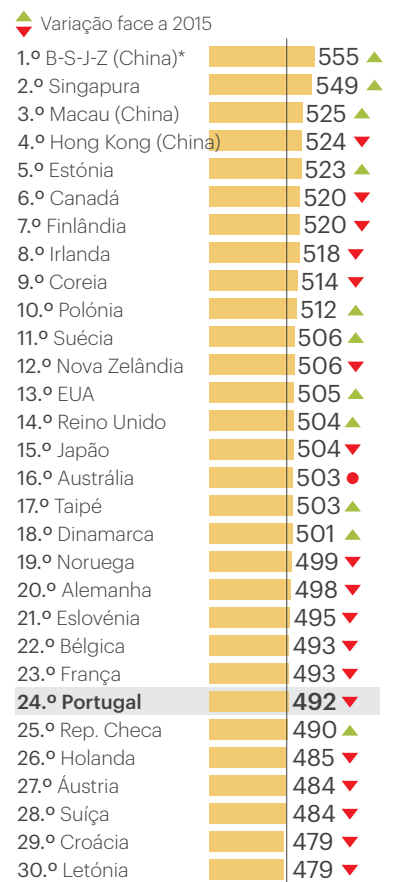
## Como se saem os jovens

Pontuação em leitura – a área sobre a qual a avaliação da OCDE incidiu com maior profundidade



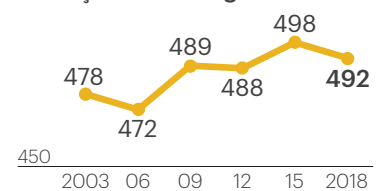
## Literacia em leitura

Os primeiros 30 de 77 países/regiões  
Pontuação em 2018



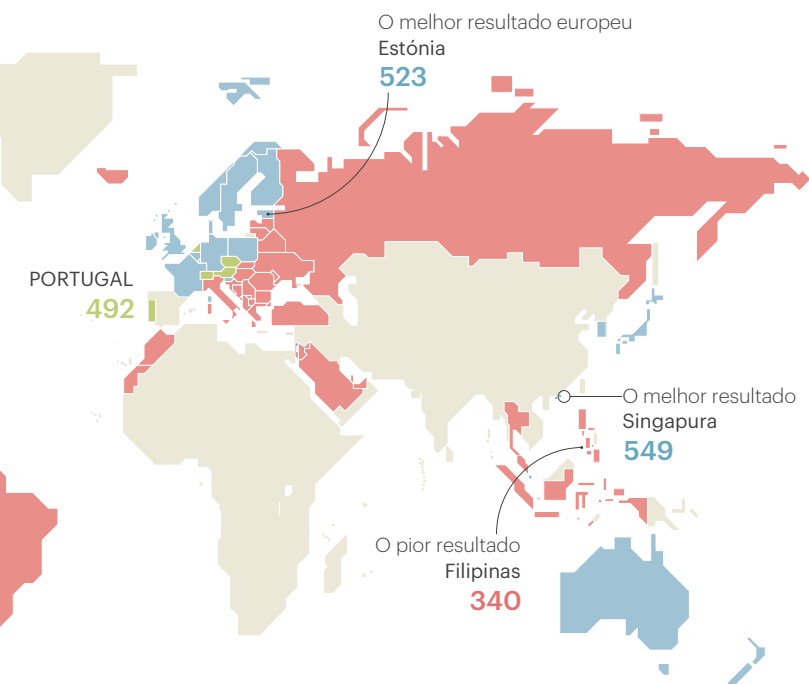
MÉDIA OCDE 487 ▼

## Evolução de Portugal



Fonte: Pisa 2018 | OCDE

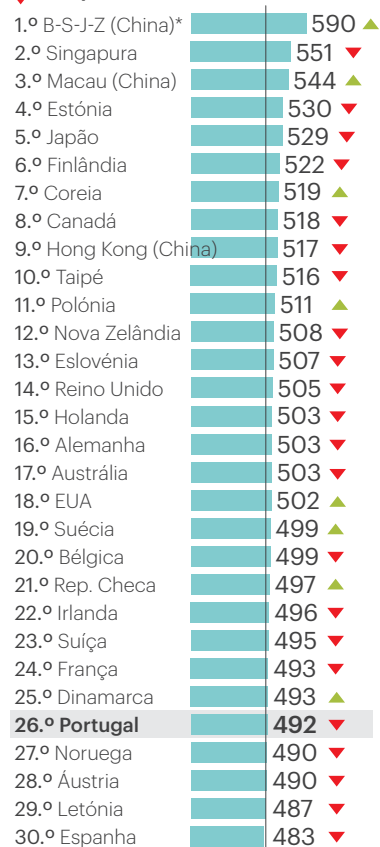
# de 15 anos?



## Literacia científica

Os primeiros 30 de 78 países/regiões  
Pontuação em 2018

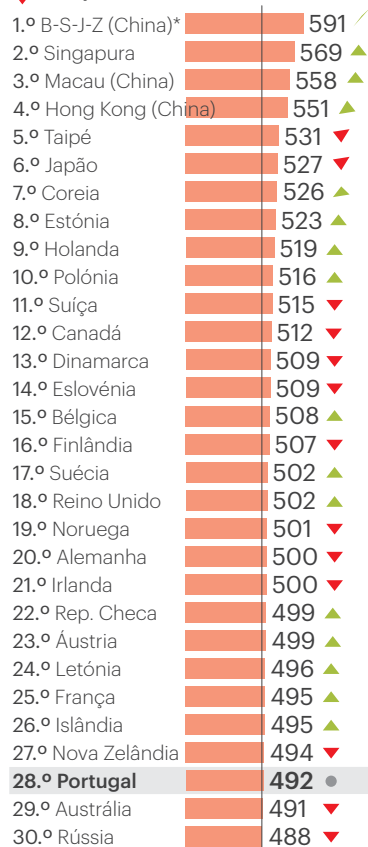
▲ Variação face a 2015



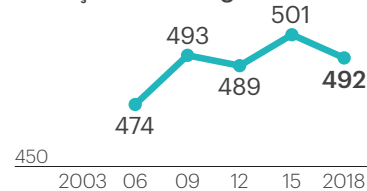
## Literacia em matemática

Os primeiros 30 de 78 países/regiões  
Pontuação em 2018

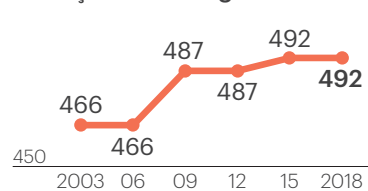
▲ Variação face a 2015



## Evolução de Portugal



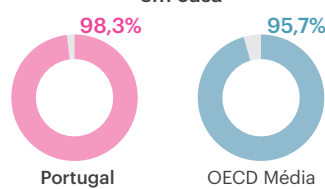
## Evolução de Portugal



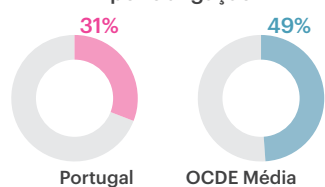
## Ler para quê?

Respostas dos alunos

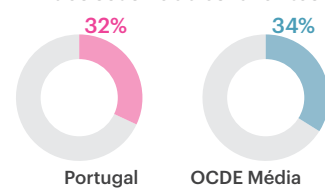
Estudantes com acesso à Internet em casa



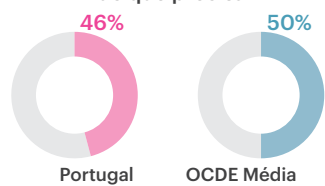
Estudantes que dizem que só lêem por obrigação



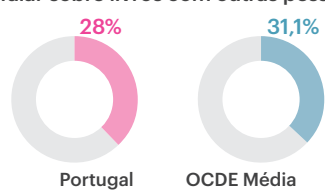
Estudantes que dizem que ler é um dos seus hobbies favoritos



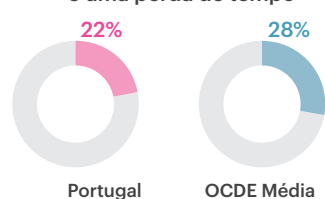
Estudantes que dizem que só lêem para obter informação de que precisam



Alunos que dizem que gostam de falar sobre livros com outras pessoas



Estudantes que dizem que ler é uma perda de tempo



\* B-S-J-Z (China) refere-se no PISA 2018 às províncias/municípios chineses: Pequim, Xangai, Jiangsu e Zhejiang. No PISA 2015, tinham sido Pequim, Xangai, Jiangsu e Guangdong



Tiago Brandão Rodrigues

## Alunos estão a faltar mais?

Tanto o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, Filinto Lima, como o director da Escola Secundária Eça de Queirós, em Lisboa, José Eduardo Lemos, se mostram surpreendidos com os resultados extraídos dos inquéritos aos alunos que fizeram o PISA: 28% dos jovens portugueses de 15 anos disseram que nas duas semanas anteriores ao inquérito faltaram, pelo menos, um dia à escola. A média da OCDE é de 21%.

Uma vez mais, nos 15 dias anteriores ao inquérito, 40% dos portugueses perderam pelo menos uma aula. Na OCDE 27,3% dos jovens deram a mesma resposta. O relatório do PISA destaca Portugal como um dos países onde o número de alunos que reconhecem faltar à escola aumentou mais desde 2015 (mais 7,3 pontos percentuais no que diz respeito a perder pelo menos um dia inteiro de aulas).

“Não há nada nas faltas que se tenha tornado notoriamente visível e nem se passou nada diferente do que em outros anos, pelo menos na minha escola”, diz Lemos, referindo também que nada lhe foi transmitido sobre tal nos contactos que tem com outros directores.

“Não tenho a percepção que as faltas estejam a aumentar”, corrobora Filinto Lima, que se interroga sobre se aquelas respostas não constituíram uma espécie de “acto de rebeldia” por parte dos alunos inquiridos. “Mas isso não explica tudo”, acrescenta. Os alunos que faltaram pelo menos um dia à escola tiveram menos 39 pontos nos testes que avaliam a literacia em leitura do que os que não faltaram nunca. **C.V.**

professores”, justifica.

A presidente da Associação de Professores de Português, Filomena Viagas, opta por valorizar a “trajectória ascendente” nos resultados nacionais, desde 2000. “Não só nos mantemos acima da média como o resultado continua estável, o que é muito positivo”, defende.

No balanço dos resultados, a OCDE também destacou esta evolução, frisando que entre os membros da organização só Portugal registou “melhorias significativas no desempenho dos seus alunos a leitura, matemática e ciências ao longo da sua participação no PISA”, que se estreou em 2000, o ano em que esta avaliação se iniciou. Para o presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática, Filipe Oliveira, ainda que os resultados do PISA “consolidem” a melhoria que tinha ocorrido entre 2012 e 2015, “não é possível ficar satisfeito” com o facto de Portugal não ter crescido, desta feita, tanto como nas edições anteriores. O que se deve, segundo este dirigente, à implementação de “uma nova filosofia nas escolas”, a partir de 2015, que “desvalorizou a avaliação” e “simplificou os currículos”.

“O director da secundária Eça de Queirós da Póvoa de Varzim e também presidente do Conselho das Escolas, José Eduardo Lemos, aponta no mesmo sentido: “Estagnámos e até regredimos. Era do que estava à espera com este discurso de menos exigência por parte da actual tutela e a adopção de uma política que desvaloriza a avaliação externa e os resultados escolares.” A verdade, diz, “é que não se sabe exactamente o que se quer dos alunos”.

“Devemos estar orgulhosos com estes resultados”, contrapõe o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, Filinto Lima. “Desde 2000 que se tem registado uma melhoria e estes são resultados consistentes que devem ser valorizados.” Isso não quer dizer que “não haja ainda muito trabalho a fazer, sobretudo para que a escola faça justiça à função de elevador social que lhe é atribuída”. O que deveria passar em primeiro lugar “pelo reforço dos apoios aos alunos do 1.º ciclo, não é admissível que um aluno chegue ao 5.º ano com dificuldades”.

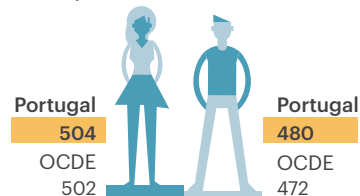
cviana@publico.pt  
samuel.silva@publico.pt

# DESTAQUE

## AVALIAÇÃO DA OCDE

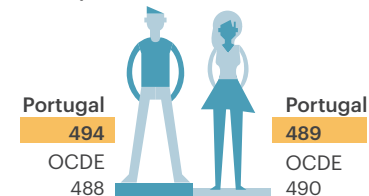
**Na leitura as raparigas saem-se melhor**

Pontuação média em 2018



**Nas ciências são eles que revelam mais competências em Portugal...**

Pontuação média em 2018



## Das diferenças de género e de contexto social, ao bullying na escola

### Raparigas melhores na leitura, rapazes melhores na matemática

As raparigas portuguesas têm uma classificação média de 504 pontos nas competências de leitura. Os rapazes conseguem 480 pontos. Esta é uma tendência na generalidade dos países participantes, revela o PISA, o estudo da OCDE sobre os jovens de 15 anos. Em média, estudantes do género feminino conseguem mais 30 pontos na leitura. A diferença tem, porém, vindo a diminuir. Em 2009, as raparigas portuguesas conseguiram um desempenho 38 pontos superior ao apresentado pelos seus colegas. Em sentido contrário, os rapazes em Portugal são melhores do que as raparigas quando são avaliadas as competências de matemática. Eles conseguem uma média de 497 pontos, nove pontos acima do que elas conseguem. Na generalidade dos países que participam no estudo, são também os rapazes a ter melhores resultados na matemática, mas a diferença é inferior: cinco pontos, em média. Nas ciências, os desempenhos são mais equilibrados. Os rapazes portugueses têm uma classificação média de 494 pontos, mais cinco do que as raparigas. Na OCDE, a *performance* nesta área é semelhante em ambos os géneros.

### Professores perdem muito tempo a pôr ordem na sala

As questões disciplinares merecem capítulo de um dos três volumes do estudo da OCDE sobre a literacia dos alunos. Olhe-se apenas para as aulas de língua materna (o tema principal do PISA 2018 foi a literacia de leitura): 28% dos portugueses dizem que quando chegam à sala é muito comum que os professores tenham de perder “muito tempo” à espera que os estudantes acalmem. No

grupo da OCDE, 26% dos jovens relataram o mesmo. Como é que isto se reflecte nos resultados? A OCDE deixa mais um número: em Portugal, os jovens que contam que frequentemente nas suas aulas se perde muito tempo até que a lição tenha início tiveram, em média, menos 17 pontos nos testes de leitura do que os seus colegas que relatam inícios de aulas mais tranquilos. A média nacional nos testes de leitura foi de 492 pontos.

### Alunos mais fracos vítimas de bullying

O estudo questionou ainda os adolescentes sobre *bullying*. E Portugal está melhor do que a média. Há menos portugueses a queixar-se de serem vítimas do que nos outros países: 14% referem ter sido vítimas algumas vezes no último mês, contra uma média da OCDE de 23%. Mas esta taxa é muito diferente conforme se fale de alunos com desempenhos mais fracos ou mais elevados nos testes de literacia de leitura. A análise feita no relatório do PISA não deixa margem para dúvidas: 31% dos alunos mais fracos dos países da OCDE analisados dizem ter sido vítimas recentemente. Em Portugal foram 24%. Já entre os “alunos com elevado desempenho” (nas palavras da

OCDE os *top performers* nos testes PISA) a taxa é respectivamente de 18% na OCDE e de 8% em Portugal. Ou seja, o peso dos que se dizem vítimas frequentes em Portugal é três vezes mais alto entre os alunos mais fracos do que entre os alunos “de topo”.

### Os professores gostam de dar aulas, dizem os jovens

E como se saem os professores aos olhos dos alunos? Há mais jovens em Portugal a ter a percepção de que os seus professores de língua materna gostam de ensinar: 83% “concordam” ou “concordam muito” que é assim. A média na OCDE é de 74%. Em média, os estudantes de escolas privadas classificam mais frequentemente os seus professores como entusiastas do que os das escolas públicas. “As maiores diferenças a favor das escolas privadas existem na Estónia, Finlândia, Grécia, Portugal, Qatar, Eslovénia e Estados Unidos”, segundo a OCDE.

### Os pobres estão mais longe dos ricos

A diferença de competências de leitura entre os alunos ricos e os alunos pobres aumentou na

última década em Portugal, mostram os resultados dos PISA 2018. Apenas 2% dos estudantes de origens desfavorecidas conseguem estar entre os melhores. Já entre os estudantes favorecidos, a percentagem dos que conseguem desempenhos de topo é mais elevada: 16%. Os dados de 2018 mostram ainda que os estudantes provenientes de contexto socioeconómicos privilegiados têm, na avaliação destas competências, uma pontuação média superior em 95 pontos aos colegas de origens desfavorecidas. Essa diferença não só é superior à média dos países que integram o estudo da OCDE (onde é de 89 pontos), como representa um aumento significativo face a 2009 no que à população portuguesa diz respeito. Há uma década — na última versão do PISA em que a leitura tinha sido o conteúdo em destaque — o desempenho dos alunos mais pobres era inferior em 87 pontos. O estudo releva como o estatuto socioeconómico é “um forte preditor da *performance*” dos alunos nacionais em matemática e ciências. Em Portugal, a origem dos alunos explica 17% das variações nos resultados dos testes de literacia matemática (face a 14% de média nos restantes países do estudo) e 16%

das variações em ciências (13% em média). E acrescenta: muitos estudantes desfavorecidos e com alta *performance* têm ambições mais baixas do que seria expectável, dado o seu sucesso académico. Em Portugal, apenas três em quatro estudantes com alto rendimento e desfavorecidos esperam terminar o ensino superior, ao passo que quase todos os favorecidos com bom rendimento esperam fazê-lo.

### Ler para quê?

Em 2018, cerca de 22% dos alunos com 15 anos consideravam que ler “é uma perda de tempo”. Nove anos antes, esta valor estava nos 19%. Esta é uma das tendências reveladas pelo PISA, que dá conta de uma queda generalizada do interesse pela leitura entre os mais novos. “O tempo de leitura não joga com a velocidade” do mundo actual, comenta a directora do Plano de Leitura, Teresa Calçada, que aponta também o dedo ao carácter de “obrigação” que a leitura tem na escola. E para combater este desamor pelos livros vai ser “preciso vencer muitos preconceitos”, alerta.

### Privado e público iguam-se

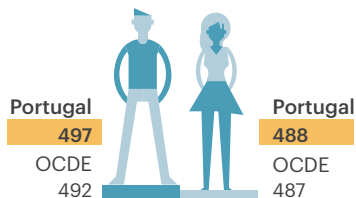
Os resultados dos alunos dos colégios e das escolas públicas no PISA foram em 2018 praticamente idênticos em leitura, ciências e matemática, o que constitui uma novidade, que foi realçada pelo ministro da Educação. Dos cerca de seis mil alunos que foram seleccionados para fazer os testes, 775 eram de colégios. Ou seja, cerca de 13%. Para o director da Associação de Estabelecimentos do Ensino Particular e Cooperativo, Queirós e Melo, esta é uma amostra que “não representa o ensino privado” e por isso dispensa fazer comentários. “Estaria a fazer uma leitura enganosa”, justifica.

**C.V./S.S./A.S.**



MIGUEL FERASO CABRAL

... e na matemática igualmente  
Pontuação média em 2018



## China chega ao topo, Finlândia está em queda e Estónia confirma-se como estrela

Samuel Silva

**A** China é convidada no PISA, mas não faz cerimónias. À segunda participação, tem os melhores resultados nos três domínios avaliados. O investimento do Estado é chave, mas há também uma cultura de disciplina, que ajuda a explicar.

Ter o melhor desempenho no estudo que a OCDE faz a cada três anos significa, na literacia em leitura, um salto de 27 posições face a 2015. Há três anos, o PISA tinha também colocado a China em 10.º nas ciências e em 6.º na matemática.

Este não é o único país que não faz parte OCDE a integrar a avaliação, mas a sua participação tem uma particularidade. Os testes são aplicados em apenas quatro províncias: Pequim, Xangai, Jiangsu e Zhejiang – esta última substituiu Guangdong em relação à edição de 2015.

As três regiões escolhidas para lá da capital são costeiras. E servem de “guarda avançada” para a aposta que a China fez em ter bons resultados educativos, explica Teresa Cid, diretora do Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa – um dos pólos da organização estatal de promoção da educação em chinês espalhadas por várias universidades do mundo. Duas províncias chinesas com estatuto administrativo especial surgem também destacadas no PISA 2018. Macau, que é 3.º nos três domínios; e Hong Kong, cuja presença entre os melhores é já um hábito, é 4.º em leitura e matemática.

As escolas chinesas apresentam uma “cultura de trabalho e rigor” e uma disciplina “muito rígida”, conta Teresa Cid, que visita com frequência o país. “É habitual ver alunos que, às 8h, antes mesmo do início das aulas, já estão na biblioteca a estudar.” Os países asiáticos “continuam a ter uma política de prestação de contas por parte das escolas”, acrescenta João Marôco, responsável pela edição do

PISA 2015. A dimensão cultural ajuda a explicar o domínio asiático nas posições cimeiras do PISA. Sete dos dez melhores países em ciências e matemática são da região. Além de China, Macau e Hong Kong, estão também bem situados Singapura (2.º em todos os domínios), Japão, Coreia do Sul e Taipé.

Há outras economias, porém, que se apresentam em queda. É o caso da Finlândia. Apontado durante anos como exemplar, confirmou, no PISA 2018, uma tendência de perda. Os finlandeses, que já tiveram o melhor desempenho nesta avaliação na leitura (2003) e ciências (2006 e 2009), estão em 7.º na avaliação da língua e 6.º na proficiência científica. Na matemática, ficam em 16.º. Apesar da perda de posições, o resultado médio “está no mesmo nível de 2012 e 2015”, precisa o investigador da Universidade de Jyväskylä e coordenador do PISA naquele país, Arto Ahonen, sem deixar de reconhecer a “trajectória descendente”. Há mudanças societárias por detrás deste fenómeno, diz. A Finlândia nunca teve uma tão grande desigualdade entre os seus alunos. Se, em 2018, o número de jovens com melhor desempenho (*top performers*) aumentou face a 2015, o total de alunos com resultados muito baixos também cresceu. E “não se pode culpar as mudanças curriculares de 2016”, sublinha. Os alunos que responderam ao PISA ainda não foram atingidos pelas alterações.

Já vizinha Estónia confirma-se como o novo sistema exemplar da Europa. Tem o 5.º melhor resultado na leitura, o 4.º na ciência e o 8.º na matemática, reforçando uma tendência de melhoria que começou em 2009. Isto com um investimento abaixo do registado, por exemplo, em Portugal. De acordo com o PISA, Portugal gasta 9500 dólares por ano em cada aluno do ensino secundário (dados de 2015, convertidos em PPP); a Estónia investe 6900 dólares.

[samuel.silva@publico.pt](mailto:samuel.silva@publico.pt)

**JUNTA-TE À**  
**Popota**  
**NO MUNDO DOS BRINQUEDOS**

**CONTINENTE**